

CAPÍTULO 7

TEMAS E CONCEITOS DA
GEOGRAFIA ESCOLAR
BRASILEIRA:
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES



EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA: REFLEXÕES DA GEOGRAFIA ESCOLAR PARA O SÉCULO XXI

Odair José Groh

Aned Mafer Mattos Fernandes

<https://doi.org/10.53455/2023cap7>

Há muito tempo a educação é influenciada por um modelo técnico-industrial de reprodução e memorização de informações. Por essa perspectiva, a boa escola e o bom professor ainda são aqueles que se propõem ao desenvolvimento dessas habilidades e à transmissão de informações prontas e acabadas. Nesse modelo, valorizam-se os alunos que aprendem a armazenar e reproduzir o que a escola lhes transmite, desprezando seus repertórios culturais, seus conhecimentos e a sua capacidade de reflexão.

Ao longo do tempo, a Geografia Escolar vem ajudando a produzir/reproduzir esse modelo e, concomitantemente, é por ele influenciada. Assentada sobre um modelo de ensino baseado quase que exclusivamente na descrição fragmentada e descontextualizada da paisagem natural ou social, gerações de alunos foram e vêm sendo formadas pela lógica da memorização e reprodução de conceitos e ideias estabelecidas como verdadeiros, sem que haja a compreensão das dinâmicas escalares entre os fenômenos locais e globais que influenciam e determinam suas vidas.

O problema se agrava quando se observa que, atualmente, as sociedades vivem sob a marca de uma realidade pós-industrial muito mais complexa do que aquela que determinou as bases da Geografia Escolar e que ainda se mantém no dia a dia das escolas. Nesse contexto, é urgente a necessidade de novos objetivos, novas concepções, estratégias e práticas educacionais. Não significa que se deva abandonar a descrição da paisagem. O método descritivo é importante e deve ser uma das etapas do processo de estímulo ao desenvolvimento dos “raciocínios geográficos”, só não deve ser a única etapa e nem o fim do processo.

Com relação a essa necessidade de a escola perceber que se vive uma nova realidade, Ferraz afirma:

A escola tem que se perceber como inserida num mundo em que os esquemas fechados de conhecimento científico não permitem mais saciar as necessidades e características das novas condições de vida e produção. O estranhamento e desconhecimento dos professores, pais e adultos frente aos comportamentos das novas gerações são fruto em grande parte dessa insistência em reproduzir um conhecimento abissal, que classifica e separa as coisas em certo e errado, sendo o certo o que o autoritarismo do conhecimento científico dominante definiu. Os comportamentos de boa parte dos jovens atualmente apontam para uma realidade que está muito além desses desejos e boas intenções, daí a dificuldade em saber como agir frente às ideias e atitudes juvenis. (FERRAZ; NUNES, 2011, p. 196).

Hoje a boa escola e o bom professor precisam promover com os alunos o desenvolvimento de sua potência criativa, do conhecimento crítico, do trabalho colaborativo e da busca por soluções dos problemas contemporâneos, estimulando a compreensão de sua realidade vivida e de seu cotidiano a partir de suas relações e articulações com a dinâmica dos fenômenos globais.

Levando essas questões em consideração, Ferraz e Nunes (2011, p. 195) afirmam que “a boa escola deve buscar escutar e compreender melhor os alunos”, e uma das estratégias fundamentais é buscar elementos de análise a partir do universo de gostos, falas, atitudes e posturas dos alunos, como forma de possibilitar-lhes entender melhor o contexto do mundo que estão valorizando.

Ao buscar relacionar a epistemologia da ciência geográfica à Geografia escolar que se almeja produzir na segunda década do século XXI, enfatiza-se que a construção de saberes científicos e dos raciocínios geográficos não ocorrem com a simples descrição fragmentada dos fenômenos. É necessário contextualizar, levar em consideração e resgatar os conhecimentos/vivências prévias dos alunos e sair do processo centralizado apenas no professor. Deve-se provocar os alunos a partir de uma abordagem integrada, interdisciplinar, colaborativa e em redes, a criar e encontrar respostas/ soluções para as situações problemas que eles estão vivenciando. É necessário estimular o desenvolvimento de raciocínios geográficos

complexos e críticos.

Sobre essa questão, Ferraz afirma:

A escola deve se assumir como produtora de conhecimentos e não como mera instância reproduutora, com sua carga de posturas e comportamentos uniformes a serem praticados por todos. Deve permitir que os alunos participem diretamente desse processo de produção de conhecimentos, deixando de ser meros depositários de verdades e valores definidos por outros. A escola deve possibilitar condições para que, diante da diversidade que é o mundo, o diálogo e a troca de experiências com o diverso viabilizem exercícios de habilidades e atitudes, valores éticos, estéticos e pensamentos vários. Dessa forma estariam produzindo conhecimentos, sejam científicos ou não, mais ricos e respeitadores da diferença (FERRAZ; NUNES, 2011, p. 196).

No intuito de colaborar com a mesma linha de pensamento e aprofundando a reflexão, acrescenta-se o fato de que se vive em um mundo globalizado e em redes digitais. É importante destacar que vários são os fatores que ajudam a explicar o processo globalizante, entre eles, a revolução concentrada nas Tecnologias da Comunicação e Informação – TIC.

De acordo com Castells (2021, p. 61), foram vários os acontecimentos de importância histórica que transformaram o cenário social da vida humana no fim do segundo milênio da Era Cristã. Entre eles, a revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação, que começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado.

Segundo o autor, de todas as revoluções tecnológicas, o surgimento da rede mundial de computadores foi uma das que mais transformou as nossas vidas. O desenvolvimento e expansão da internet nas últimas décadas do século XX foi consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e interesses do capital.

Sobre a história da Internet, Castells afirma:

Como se sabe, a internet originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 1960 pelos guerreiros tecnológicos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos – DARPA, para impedir a tomada ou destruição do sistema norte-americano de comunicações pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear. O resultado foi uma arquitetura em rede que, como queriam seus inventores, não poderia ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando as barreiras eletrônicas (CASTELLS, 2021, p. 65).

O desenvolvimento da internet acelerou de forma exponencial a expansão da “Era da Informação Digitalizada”. Se hoje o mundo se encontra extremamente conectado em redes, que influenciam diariamente a vida de bilhões de pessoas ao redor do planeta, grande parte dessas transformações só foram possíveis com a criação e mundialização da internet. Foi ela que criou as condições para a expansão da cibercultura e do ciberespaço.

Sobre a Internet, Lévy diz reconhecer dois fatos:

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômicos, político, cultural e humano (LÉVY, 1999, p. 11).

Entretanto, é importante destacar que o próprio autor não promete que a Internet resolverá todos os desafios da sociedade. Por outro lado, afirma enfaticamente que se deve explorar aquilo que de

bom ela pode nos fornecer. De acordo com o autor, que escreveu seu livro no fim da década de 1990, a cibercultura e o ciberespaço é uma realidade, eles não podem ser negligenciados (LÉVY, 1999, p. 11).

Na tentativa de buscar compreender o histórico do termo ciberespaço, Lévy (1999, p. 92) afirma que a palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo de redes digitais, descrito como um campo de batalha entre as empresas multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e mundial.

Na visão do autor, o conceito de ciberespaço é explicado de forma mais ampla, contextualizado no conjunto de transformações que marcaram as últimas décadas do século XX.

Para Lévy, o ciberespaço é:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo (LÉVY, 1999, p. 17).

O ciberespaço, como novo meio de comunicação, não é estático, unilateral, elaborado por alguém e consumido por todos os outros. No ciberespaço, o universo de dados e informações são produzidos, compartilhados e consumidos por aqueles que estão inseridos no processo e queiram com ele interagir. A Internet potencializa o ciberespaço e amplia exponencialmente o “espaço geográfico digital de compartilhamento de informações em redes”. Passa-se a viver na “Era da Informação Digital em Redes”, na “Era da Redes”.

Da mesma forma, sobre o desenvolvimento e surgimento das redes sociais, que atualmente dominam o nosso cotidiano, Castells afirma:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens da nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por elas (CASTELLS, 2021, p. 62).

Essa nova realidade, fluida, rápida, descontínua, colaborativa e extremamente desigual torna os fenômenos ainda mais complexos e aumenta o grau de dificuldade de estudo e análise. Esse intenso processo de transformações atinge todos os segmentos da sociedade.

Com a educação não é diferente. Torna-se necessário, além de uma nova escola, um novo professor, preparado para assumir essas novas funções.

Sobre a função do professor nesse novo contexto, Lévy afirma:

[...] A principal função do professor não pode mais ser a difusão do conhecimento, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão da aprendizagem: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos saberes de aprendizagem [...] (LÉVY, 1999, p. 170).

Quando Lévy afirma que a função do professor não pode ser mais a difusão do “conhecimento”, comprehende-se que ele está se referindo ao professor que simplesmente transmite informações ou descreve, de forma fragmentada, lugares ou fenômenos. Atualmente todas as informações são encontradas na Internet e, com muita facilidade, os alunos podem acessá-las. O mesmo autor enfatiza que está em curso uma mudança metodológica e qualitativa dos

processos de aprendizagem. O bom professor atualmente precisa ser o motivador, o provocador, o gestor, o mediador dos processos de aprendizagem.

Por esse motivo, se objetiva o desenvolvimento de “raciocínios geográficos complexos” (críticos e comprometidos socialmente, politicamente, economicamente e ambientalmente), deve-se assumir esse novo papel e ajudar os alunos a tomarem consciência do atual momento em que se vive, de suas possibilidades e contradições, de suas generosidades e perversidades.

Sobre a perversidade do processo de globalização, Santos afirma que:

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa [...]. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos (SANTOS, 2022, p. 25).

Diante do exposto por Santos, parte-se do pressuposto que nós, professores, conscientes do atual processo, podemos utilizar as bases técnicas citadas com recursos didáticos e estratégias pedagógicas, a fim de auxiliar os alunos no desenvolvimento de raciocínios geográficos críticos e humanamente globalizados.

Entende-se que as bases técnicas aplicadas à educação podem ser representadas, entre outras, pela internet, jogos digitais, imagens, vídeos, *charges*, jogos, memes e redes sociais. Esses recursos didáticos, chamados de Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, utilizados de forma planejada, estratégica e equilibrada, poderão gerar mais “engajamento” por parte dos alunos e colaborar com os professores de Geografia no desenvolvimento das atividades educacionais mais “conectadas” ao século XXI. Dessa forma, de

acordo com Santos (2022), essas atividades e recursos cumprirão o papel de estar a serviço de uma outra lógica. Uma lógica em que o humano, o econômico e o ambiental estejam em maior equilíbrio.

Nessa busca pelo equilíbrio, percebe-se que cresce a cada dia, neste mundo polarizado e dividido, uma “sede por mais humanidade”. Nós, professores, utilizando das mesmas bases técnicas que criaram a “globalização perversa”, podemos contribuir na construção de um mundo melhor, mais justo, mais sustentável, portanto, mais humano.

Sobre as grandes injustiças sociais e o papel da educação, Ferraz afirma:

Portanto, torna-se extremamente necessário para um processo de educação realmente comprometido com a melhoria das condições de vida das pessoas, a partir da diversidade cultural entre elas e em acordo com o princípio da justiça social e do respeito mútuo, utilizar o conhecimento científico não apenas para atender aos referenciais economicistas, mas em prol de uma superação desses desconhecimentos que se escondem entre as sombras e contradições do projeto societário hegemônico atual (FERRAZ; NUNES, 2011, p. 190).

Ou seja, conectando as ideias citadas acima por Santos e Ferraz, deve-se buscar a construção de uma outra globalização, uma “globalização mais humanizada”. Para atingir esse objetivo, nós, professores, podemos e devemos aplicar recursos didáticos e linguagens mais conectados com a realidade dos alunos. Com isso, praticaremos uma educação geográfica mais consciente, crítica e focada na melhoria da qualidade de vida das pessoas, relacionando a vida vivida no nível local à compreensão dinâmica da sociedade em nível global.

A importância das diversas metodologias, recursos e linguagens no ensino de geografia

Atualmente, escolas e professores de todo o planeta separam-se com enormes desafios para poder colocar em prática seus objetivos de ensino-aprendizagem. De certa forma, esses desafios

atuais estão associados com as revoluções provocadas pelo mundo globalizado e as novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC.

A velocidade com que as TIC produzem e compartilham as informações, de forma rápida, fluida, dinâmica e em redes, na grande maioria das vezes, é mais “intenso” e provoca mais “engajamento” do que as atividades que se desenvolvem na escola. Outro aspecto importante das transformações geradas pelas novas tecnologias de informação e comunicação refere-se ao surgimento de um novo perfil de alunos.

De acordo com Prensky (2001), “nossos alunos mudaram radicalmente”. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Os Nativos Digitais¹ estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos, de forma colaborativa. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes.

Na mesma direção de reflexão, Diniz e Fortes (2019, p. 23) afirmam:

Mediante as novas configurações socioespaciais do século XXI, bem como os arranjos que evolvem às questões educacionais, verifica-se a necessidade de aplicação de metodologias e recursos didático-pedagógicos diversificados no ensino da geografia escolar, objetivando dinamizar o processo de ensino e aprendizagem (DINIZ; FORTES, 2019, p. 23).

1 Para Prensky (2010, p. 58), os “Nativos Digitais” são as pessoas que nasceram nos últimos 30 anos e foram intensamente influenciadas pela rápida disseminação da tecnologia digital de comunicação. Desde o nascimento, a tecnologia digital tem sido parte integrante da vida dessas pessoas. Como consequência, elas pensam e processam informações de uma maneira fundamentalmente diferente de nós, seus antecessores, que o autor chama de “Imigrantes Digitais”.

Segundo Diniz e Fortes (2019, p. 27), novos recursos metodológicos e didáticos devem ser inseridos no cotidiano das aulas de Geografia para que a ciência geográfica seja um motivo de interesse não apenas disciplinar, mas algo que se possa vislumbrar para a vida em sociedade. De acordo com os autores, são exemplos de recursos metodológicos e didáticos que podem ser aplicados:

- Música
- Imagens
- *Charges* e tirinhas
- Aula de campo (visita técnica)
- Jogos e ludicidade
- Filmes e documentários
- Obras de arte e literárias

Na mesma lógica, Cavalcanti (2012, p. 121) afirma que todos esses recursos motivadores são importantes e devem ser levados em consideração pelos professores no momento de elaboração e planejamento de suas atividades, no entanto, o foco principal deve ser o conteúdo geográfico em detrimento das formas, das linguagens. Na visão da autora, o ensino de Geografia deve ter uma relação motivadora e afetiva desde que não fique somente nesse nível de relação.

Da mesma forma que se deve repensar as metodologias e os recursos didáticos-pedagógico, deve-se buscar aprender as novas linguagens utilizadas cotidianamente pelos alunos.

Segundo Prensky (2001), os professores imigrantes digitais²:

² De acordo com o autor, os “Imigrantes Digitais”, por mais que busquem se adaptar ao novo ambiente digital, irão manter algum tipo de “sotaque”, ou seja, seu pé no passado. São exemplos de como identificar o sotaque de um imigrante digital: imprimem e-mails, usam a internet como segunda fonte de informação e não como a primeira, leem o manual de um programa, em vez de supor que o próprio programa o ensinará a utilizá-lo, precisam imprimir um documento escrito no computador para editá-lo em vez de editá-lo na própria tela, acham que a “vida real” é apenas o que acontece off-line.

[...] usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova". Segundo o autor "se os educadores Imigrantes Digitais realmente querem alcançar os Nativos Digitais – quer dizer, seus estudantes – eles terão que mudar. Já é hora para pararem de lamentar, e assim como o lema da Nike da geração dos Nativos Digitais diz "Apenas Faça isso!" (PRENSK, 2001, Vol. 9, No. 5).

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 215 e 216), existe a necessidade de refletir sobre a utilização de novas linguagens na Geografia que, somadas à criatividade dos professores, poderão desenvolver novas formas de abordagem de conteúdos e reflexões. Além disso, essas novas linguagens tornarão a aprendizagem do componente curricular mais atrativo e significativo aos alunos.

Para Pontuschka (2010), "o uso de diferentes linguagens na geografia (obras literárias, cinema, vídeos, fotografias) pode auxiliar na compreensão e crítica da produção do espaço, se o seu uso como mera ilustração for superado" (p. 134).

Sobre a utilização de outras linguagens para o ensino de Geografia, Cavalcanti e Silva (2008, p. 145) afirmam:

Atualmente, é indiscutível que a produção cultural possa ser um importante aliado do ensino escolar. Vários conteúdos da escola seriam mais bem compreendidos e internalizados com a utilização de obras literárias, artes plásticas, canções, peças teatrais, imagens, gibis, dentre outros. Entende-se, também, ser papel da escola estimular e socializar o conhecimento das várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade (CAVALCANTI; SILVA, 2008, p. 145).

Ao buscar exemplos atuais de produção cultural que possam ser aliados ao ensino de Geografia, se referencia aos estudos de Girardi (2017). De acordo com a pesquisadora, ao utilizar imagens

em suas aulas como oportunidade de novas interpretações do local ao global, o professor estará favorecendo o desenvolvimento de sujeitos que conseguem ir além da interpretação da linguagem formal. Devidamente trabalhadas em sala de aula, as imagens podem levar os alunos a outros níveis de conhecimentos, a outras paragens, a lugares que a formalidade da linguagem não consegue transpor.

Diante desse novo contexto, defende-se a tese de que o uso das redes sociais, como recurso didático e uma nova forma de linguagem, adquire uma significativa importância e podem ser utilizadas no ensino de Geografia. Acredita-se que a mesma lógica defendida por Girardi pode ser aplicada a vídeos produzidos e compartilhados nas redes sociais.

Parte-se do pressuposto que esses recursos didáticos apresentam a potencialidade de romper com fronteiras territoriais da linguagem formal, criando um ambiente educacional mais cativante, motivador, criativo, colaborativo, crítico e conectado com a educação para o século XXI.

Com base nessa ideia inicial, deve-se pesquisar e refletir sobre o uso das redes sociais no cotidiano escolar. Por que não utilizar vídeos curtos das redes sociais na mesma lógica defendida por Girardi?

Paralelamente a essa ideia, vale destacar que, para muitos profissionais da educação, principalmente nos últimos anos, as redes sociais em sala se tornaram um grande problema. Na visão de muitos professores, elas desviam a atenção dos alunos que acabam não participando intensamente das atividades pedagógicas propostas. Com essa postura, os alunos, além de se prejudicarem pedagogicamente, acabam dificultando o trabalho dos docentes.

E se invertermos a lógica? E se, em vez de proibir o uso, buscar pesquisar formas/estratégias de utilização das redes sociais no Ensino de Geografia? Pode-se olhar para as redes sociais como um dia os pesquisadores em Geografia estudaram o papel das diferentes linguagens (música, cinema, teatro, etc...), como elementos de formação de raciocínios geográficos? Será que não se está sendo preconceituoso e deixando de lado as múltiplas formas de utilização das redes sociais como recurso didático?

Todo processo de transição provoca instabilidade, medo e insegurança. A revolução provocada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação na educação não é diferente. Os professores, muitas vezes, não dominam as tecnologias, os *softwares*, os *Apps* e as redes sociais. E por não ter esse domínio sobre esses recursos, são muitas vezes críticos ferozes, sem conhecer plenamente as multipossibilidades de utilização didática. De acordo com Prensky (2001), os professores, em sua maioria, são imigrantes digitais e se prendem mais aos problemas advindos da tecnologia do que às potencialidades de utilização. Deve-se parar de lamentar e começar a agir digitalmente.

Sobre os críticos da cibercultura, Lévy, no fim da década de 1990, já afirmava:

Aqueles que denunciam a cibercultura hoje têm uma estranha semelhança com aqueles que desprezavam o rock nos anos 50 ou 60. O rock era anglo-americano, e tornou-se uma indústria. Isso não o impediu, contudo, de ser o porta-voz de uma parcela da juventude mundial. Também não impediu que muitos de nós nos divertíssemos ouvindo ou tocando juntos essa música. A música pop dos anos 1970 deu uma consciência a uma ou duas gerações e contribuiu para o fim da Guerra do Vietnã. É bem verdade que nem o rock nem a música pop resolveram o problema da miséria ou da fome do mundo. Mas isso seria a razão para “ser contra”? (LÉVY, 1999, p. 11).

Acredita-se que o mesmo preconceito que existiu no passado em relação à aplicação no ensino de Geografia da música, teatro, cinema, rap e, mais recentemente ao grafite, exista hoje em relação às redes sociais.

Entende-se que ao chegar ao ponto em que não se pode mais negar as redes sociais. Elas são uma realidade, fazem parte do nosso cotidiano, definem nossa comunicação, nossas opiniões, pautam o debate político, criam e difundem comportamentos. Nós, professores, devemos entender que, quando utilizadas com

planejamento e equilíbrio, podem sim ajudar professores e alunos no processo de construção de raciocínios geográficos críticos, mais humanizados e conectados ao século XXI.

Como existem várias redes sociais, decidiu-se delimitar esta pesquisa à rede social TikTok, que é muito utilizada por adolescentes e jovens.

Espera-se, ao final dela, poder colaborar com reflexões sobre os questionamentos já descritos e demonstrar que a rede social TikTok pode ser um “recurso didático e uma nova forma de linguagem” no ensino de Geografia. Com isso, pode-se contribuir para **“UMA GEOGRAFIA ESCOLAR MAIS CONECTADA E ENGAJADA AO SÉCULO XXI”**.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação:** Economia, Sociedade e Cultura. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de Geografia na escola.** Campinas: Papirus, 2012.

DE SOUZA CAVALCANTI, Lana; DA SILVA, Eunice Isaias. A mediação do ensino-aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 2, p. 141-155, 2008.

DINIZ, Ana Cláudia Araújo; FORTES, Mircia Ribeiro. A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS E RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA. **Revista Ensino de Geografia (Recife)** V, v. 2, n. 1, 2019.

FERRAZ, C. B. O. A Geografia da educação na sociedade do conhecimento: sombras do desconhecimento. In: NUNES, F. G. (Org.). **Ensino de geografia:** novos olhares e práticas. Dourados: Editora UFGD, 2011. P. 157 a 197.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

NUNES, Flaviana Gasparotti; NOVAES, Ínia Franco de (org.). **Encontros, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica.** Uberlândia (MG): Assis Editora, 2017. Disponível em: <https://assiseditora.com.br/produto/ebooks/encontros-derivas-e-rasuras-potencias-das-imagens-na-educacao-geografica/>. Acesso em: 1/Novembro/2022.

PONTUSCHKA, N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** (p. 215 e 216). São Paulo: Editora Cortez, 2007.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon.** NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em: http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20_Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf. Acesso em: 18/Novembro/2022.

PRENSKY, M. **Não me atrapalhe, mãe** – Eu estou aprendendo! Como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI – e como você pode ajudar! São Paulo: Phorte editora, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 33. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.